

A AFETIVIDADE COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Thaísa Salustino de Sena

Adriana Conceição Silva

Centro Universitário Facex – UNIFACEX

Isa.salustino@gmail.com

Resumo: Desde o nascimento, o ser humano se comunica através de suas emoções, e suas expressões vão evoluindo gradualmente, até se tornarem relações de afetividades mais profundas. O objetivo deste artigo científico é mostrar como a afetividade - em sala de aula - pode ser uma forma de facilitação da aprendizagem e relatar a afetividade como ferramenta de inclusão de um aluno autista. O percurso metodológico desse trabalho surge de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, em que buscamos teóricos como Wallon (1995), Tiba (2007) e Freire (2010) e ainda relatamos a experiência de uma das pesquisadoras, com uma turma de nível IV, a qual contém um aluno com transtorno do espectro autista, que só respondeu aos estímulos para produzir e interagir quando foi usada a linguagem afetiva. A criança não demonstrava concentração, não interagia, passava todo o horário fora de sala com o auxiliar. Com muito carinho, a criança foi recebida pela professora na turma que o acolheu com músicas – a qual ele interagiu batendo palmas - e demonstrou interesse, sentando-se perto de alguns colegas. Foi também observado que as aulas fluem com mais tranquilidade e sem situações de indisciplina, quando a professora trata com tamanho carinho que eles sentem-se acolhidos, estes respondem as atividades e se organizam rapidamente com frases como: “vou te dar um cheiro”; “meu amor, faz a atividade que a tia pediu” ou ainda “você é muito inteligente” – mas, se a fala for ríspida, os alunos não respondem as atividades ou não obedecem ao que foi proposto.

Palavras-chave: Afetividade. Inclusão. Aprendizagem.

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, a Educação Infantil deve trazer o amor como base de suas perspectivas educacionais, pois, através dele, é possível alcançar resultados que possivelmente não existiriam se ele não estivesse presente cotidianamente. É importante refletir sobre essas práticas nessa atual sociedade, que se mostra tão violenta, desestruturada e individualista, mostrando que através do afeto, amor, carinho e respeito, podemos construir ideais mais positivos, potencializando o desenvolvimento social, cognitivo, físico e moral das crianças.

Para Wallon (1995), a afetividade é exteriorizada por meio das emoções, e através dela, o ser humano interage com o seu meio, instigando a socialização entre seres; com essa ideia surgiu sua Teoria das Emoções que nos diz que:

(...) As emoções são a exteriorização da afetividade (...) Nelas que assentam os exercícios gregários, que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade. As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados (WALLON, 1995, p. 143).

Desde o nascimento, antes mesmo do uso da linguagem, o ser humano se comunica através de suas emoções, e suas expressões vão evoluindo gradualmente, até se tornarem relações de afetividades mais profundas.

Isso posto, este artigo científico tem como objetivos mostrar como a afetividade - em sala de aula - pode ser uma forma de facilitação da aprendizagem e relatar a afetividade como ferramenta de inclusão de um aluno autista.

Este trabalho surgiu da experiência de uma das pesquisadoras como professora titular de uma turma de nível IV da educação infantil – com alunos entre 4 e 5 anos de idade – e justifica-se por apresentar a afetividade como importante ferramenta de acolhida e ampliação das relações entre professor-aluno e aluno-aluno.

O percurso metodológico desse trabalho perpassa por uma pesquisa bibliográfica, qualitativa, em que buscamos teóricos como Wallon (1995), Tiba (2007) e Freire (2010) entre outros; e ainda relatamos a experiência de uma das pesquisadoras em suas aulas, com uma turma de nível IV a qual contém um aluno com transtorno do espectro autista, que só respondeu aos estímulos para produzir e interagir quando foi usada a linguagem afetiva.

2. PEQUENO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A história da Educação para pessoas com deficiência é marcada por muita luta contra a exclusão e o preconceito. É necessário fazer um resgate histórico da educação brasileira no decorrer dos anos para uma melhor compreensão do que de fato é a luta pela educação inclusiva.

Na Antiguidade, segundo Corrêa (2010), a vida das pessoas com deficiência é marcada profundamente de forma negativa, sendo expostas ao preconceito, à discriminação e, em muitos casos, até chegavam a serem exterminadas. Elas não tinham acesso à educação, nem sequer alternativas para uma vida digna, vivendo à margem da sociedade.

Com a chegada da Idade Média e com o fortalecimento da igreja, o clero passou a enxergar as pessoas com deficiência como pessoas de Deus, e “elas não mais podiam ser exterminadas”, passando a ser jogadas “à própria sorte, dependendo, para sua sobrevivência, da boa vontade e caridade humana” (Aranha, 2005). Nesse período,

foram instaurados dois importantes processos na sociedade: a inquisição católica e a reforma protestante. Um dos períodos mais tristes da humanidade, marcado pela “perseguição, caça e extermínio de seus dissidentes [...] e dentre essas, especialmente, para as pessoas com deficiência mental”.

Algumas mudanças aconteceram na Idade Moderna e nos dias atuais, a medicina avançou, ficou caracterizada pela retirada de pessoas com deficiência de suas residências de origem e colocadas em escolas especiais, geralmente, distante de seus familiares, e a partir disso, a deficiência passou a ser vista e compreendida como um processo natural, favorecendo, assim, tratamentos médicos para à pessoa com deficiência.

O século XX, por volta da década de 1960, ficou marcado com a criação de dois novos conceitos: a desinstitucionalização e a normalização, que “defendia a necessidade de introduzir a pessoa com necessidades educacionais especiais na sociedade, procurando ajudá-la a adquirir as condições e os padrões da vida cotidiana, no nível mais próximo possível do normal” (ARANHA, 2005).

No Brasil, a partir da Constituição Federal Brasileira de 1988, iniciou-se o movimento pela inclusão de crianças com deficiência dentro das escolas regulares de ensino, e também na sociedade em geral. Finalmente, as famílias que possuíam pessoas com deficiência teriam a lei que amparava seus direitos.

Como destaca a Declaração de Salamanca (1994) “aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades”.

3. O PODER DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Desde os primeiros anos, na vida de qualquer indivíduo, o afeto e o carinho que recebe são responsáveis pelo seu pleno desenvolvimento. A fala, o olhar e até mesmo o toque faz com que as emoções sejam ativadas criando as primeiras relações afetivas com seus familiares.

Se as emoções são responsáveis pelo desenvolvimento humano, de forma alguma elas poderiam afastar-se no processo ensino-aprendizagem. A Lei de Diretrizes e bases da educação brasileira em seu artigo 29 diz que:

Seção II

Da educação infantil

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013). (BRASIL, pág.14, 1996).

Esse artigo da LDB aponta para a necessidade de uma formação plena da criança, pautada em todos os aspectos da vida, atrelando o tratamento recebido na família a aquele dado na escola. Ao professor, portanto, cabe a sensibilidade de executar suas ações pedagógicas pautadas na afetividade, proporcionando assim o desenvolvimento integral pretendido na LDB.

De acordo com Vigotsky (2003, pág. 121), “as reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo”, logo cabe ao professor despertar o interesse da aprendizagem pelo caminho afetivo fortalecendo essa relação para a facilitação e apreensão dos conteúdos estudados.

4. RELATO DE EXPERIÊNCIA

A partir das vivências de uma das autoras como professora titular em uma turma de Educação Infantil do nível IV (4 anos) em uma escola particular da cidade do Natal, no Rio Grande do Norte, deu-se início a essa pesquisa e criação desse relato de experiência.

A turma relatada é composta por nove crianças - entre 4 e 5 anos -, e o principal elo de ligação entre professor-aluno são as trocas de carinho, afetividade e respeito entre ambos. As vivências são harmônicas e a turma é bastante autônoma e participativa, colaborando para um bom andamento das atividades pedagógicas e lúdicas, propostas pela professora.

Mas, aconteceu da escola receber uma criança diagnosticada com autismo, que faz parte da mesma idade da turma anteriormente relatada, porém a criança é matriculada em outra sala, também do mesmo nível, só que com menos alunos.

Essa criança, desde o princípio, não demonstrava concentração, não interagiu com os professores nem colegas, passava todo o horário fora de sala com o auxiliar perto para qualquer eventualidade que surgisse, e com essa situação a criança não realizava as atividades propostas para as crianças, demonstrando assim uma real falta

de inclusão. E a situação de fato incomodou a uma das autoras, que se disponibilizou e aceitou trazer a criança para a sua sala.

Com muito carinho e alegria, a criança foi recebida na turma da professora citada, ela o acolheu com músicas – as quais ele interagiu batendo palmas - e ele já demonstrou interesse, sentando-se perto de alguns colegas.

A atividade do dia seria a pintura de uma bandeira do Brasil, já que estava próximo ao dia da Independência do Brasil, a professora explicou aos alunos o que significava a bandeira, as cores, e disponibilizou várias coleções e giz de cera para as crianças. Todas elas realizaram a atividade, inclusive a criança com autismo, que pintou toda a bandeira de verde, mostrando que houve compressão pelo que foi dito e explicado pela professora.

Figura 1 – Aluno especial



Fonte: As autoras, 2018

Depois desse momento, a professora disponibilizou blocos de montar para as crianças, que, alegremente, começaram a construir torres, casas e castelos, todas elas participaram da atividade. E, nossa criança especial também, que construiu um trem.

Os momentos foram passando, ele participou, juntamente com as outras crianças, do lanche na sala de aula, sem correr para fora da sala de aula, como geralmente vinha acontecendo.

Após o lanche, foi proposta uma atividade na biblioteca, na qual foi disposto pela professora, livros infantis, e eles podiam manuseá-los, e interpretá-los como melhor compreendessem.

E nesse momento aconteceu o mais inesperado e emocionante, ele escolheu um livro dos animais e, ao observar uma ilustração de uma girafa ele se comunicou apontando e falando “girafa!”. O fato é de extrema importância, pois, ele ainda não havia se comunicado através da fala.

Figura 2 – Aluno especial reconhecendo a girafa



Fonte: As autoras, 2018

De forma geral, foi observado que as aulas fluem com mais tranquilidade e sem situações de indisciplina quando a professora trata com tamanho carinho que eles sentem-se acolhidos, os alunos de forma geral respondem as atividades e se organizam rapidamente com frases como: “vou te dar um cheiro”; “meu amor, faz a atividade que a tia pediu” ou ainda “você é muito inteligente” – já se porventura, a fala for ríspida ou em tom mais alterado, os alunos não respondem as atividades ou obedecem ao que foi proposto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de educar, especialmente crianças, jamais pode estar separada da afetividade, recebemos em nossas aulas crianças das mais variadas situações de família – e em muitos casos – famílias desestruturadas e sem demonstração de carinho.

Estar na escola para muitos, é o momento de receber o conhecimento novo, mas também de interação com os colegas e professores, e essa interatividade se solidifica através do amor desfrutado nas aulas.

O objetivo de mostrar a afetividade - em sala de aula – como ferramenta de aprendizagem foi alcançada através da narrativa do relato de experiência, toda a turma, assim como o aluno especial, reagem positivamente a professora sempre que a expressão de afetividade entre eles aflora. As crianças realizam as atividades mais rapidamente, e também prestam mais atenção na explicação dos conteúdos.

Quanto ao objetivo de relatar a afetividade como ferramenta de inclusão de um aluno autista, foi uma linda experiência para todos na escola, visto que o referido aluno não interagia com os colegas e professores e ainda não falava até o momento que entrou na sala da professora/pesquisadora e – uma vez recebido com carinho – estabeleceu conexão com ela e os colegas, chegando posteriormente a realizar as atividades junto aos colegas e ainda a falar a palavra “Girafa”, presente no livro que examinava.

Pudemos perceber que – sem dúvida – a afetividade é uma ferramenta de inclusão e além de facilitadora da aprendizagem, todos nos lembramos do carinho com éramos recebidos em sala de aula por determinada professora ou pela ausência de emoção na aula de outro, que a partir desse relato outras experiências exitosas possam surgir com a finalidade de melhorar nossas relações emocionais com nosso alunado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, M. S. F. **Projeto escola viva: garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola: necessidades educacionais especiais dos alunos. Visão Histórica.** Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2005. v. 1.

CORRÊA, Maria Angela Monteiro. **Educação Especial.** Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2010.

ONU. **Declaração Mundial de Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as necessidades Básicas de Aprendizagem.** Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais, 1994, Salamanca (Espanha). Genebra: UNESCO, 1994.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da Infância.** Lisboa: Estampa. 1975.